

01-002/221
338

São Paulo, 9 de Julho de 1967

Meu querido Fernando Henrique:

Espero que tudo esteja bem com você e a Ruth e que as crianças passem bem. Não respondi à sua última carta, porque aguardava-o aqui. Surgiram dificuldades para compor a banca do Leôncio e no fim até contávamos que você viesse a tempo. Agora, sabemos que não nos adiantaria esperar...

Assim que recebi sua carta, tratei de verificar a quantas andavam sua nomeação. Antes, esperava a substituição do reitor; então, resolvi agir. Falei com o Ferri, que prometeu tomar prontas providências. Pelo Leôncio, descobri que a Lúcia Massari lhe dissera estar o processo emperrado na Comissão de Tempo Integral. Embora me fosse sumamente desagradável, fui uma manhã à cidade universitária, em busta do Antoninho Ferri. Ele ficou naturalmente contente com a novidade, demonstrando o contentamento de modo prático. Resultado: a nomeação saiu tão depressa, que me surpreendeu. Agora, a Faculdade comunicou-me oficialmente que sua nomeação se dera (cf. Diário Oficial, 2/6/1967) e, em ofício do dia 5 do corrente, pede-me, com a MÁXIMA URGÊNCIA (está assim na fórmula do ofício) o seu comparecimento a secção de pessoal, "munido com cédula de identidade, 3 fotografia 3 x 4 datadas e selo taxa médica no valor de NCr\$0,10, a fim de retirar a requisição para submeter-se a exame medico no Departamento Médico do Serviço Civil do Estado".

Aproveitei o Ary Dillon Soares (não sei porque não o chamo de Glaucio: com tantos nomes, acanha-me escolher um) e sua boa vontade para enviar-lhe esta comunicação. Você pode deprender quão importante vem a ser a sua vinda urgente, pois da posse fica dependendo a fixação dos seus direitos adquiridos. Agora, parece que você vai ter de se conformar com quebrar castanhas no ILPES, para embarcar o mais depressa possível e contar com tempo suficiente para ficar aqui pelo menos até o fim deste mês. No interim, tomaremos as outras providências. Com o Ferri na Reitoria é provável que não tenhamos dificuldades maiores.

Estou na banca da Paula. As dificuldades que tenho são tremendas. Ela elaborou um trabalho que é rico de ideias, algumas fundamentadas e penetrantes. Mas, o trabalho não passa disso. Não posso agir contra ela; mas fiquei consternado e decepcionado. Ao que parece, os "puros" são os piores. Ao fim da minha carreira, quase, já não sei em que me apegar, para continuar a ter confiança no futuro da U.S.P.. Os mais belos ideias se foram com os rumos que a nossa cadeira tomou, preferindo uma orientação que me parece muito estreita, sectária e indigna de uma formação científica correta. Agora, depois dos dissabores causados pelos IPM e Cia., com a certeza que nada defende o futuro das universidades brasileiras, vejo as piores e mais mesquinhas lutas pelas cátedras (política, antropologia e economia). São os

- 2 -

jovens que mostram apetites ignorados - sem demonstrar, ao mesmo tempo, igual disposição para fazer uma carreira digna do apetite, e os "antigos", como a Paula e a Gioconda*, que se dispõem a mostrar que todos os humanos possuem as mesmas aptidões para agir racionalmente, com relação a fins (sem se questionarem a respeito da natureza dos fins, dos meios e do que sua ação representa para a USP). Estou muito farto de tudo e continuo o mesmo porque não sei ser de outro jeito. Não fosse estar tão atolado em tudo isto, começaria vida nova em outro tipo de atividade. Acho que já estou saturado da espécie de hipocrisia que reina em nosso pequeno mundo acadêmico, tão ~~caso~~ e sufocante, tão mesquinho na condição humana dos que neles se movimentam.

Até tive de ponderar, de público, numa reunião da nossa Secção, que "pior que o catadático é o candidato sub-reptício a cátedra". Não há verdadeiro idealismo nem disposição aberta para lutar por coisas que valham a pena. Perdemos terreno continuamente na competição internacional com outros centros de estudos. Ninguém se dá conta disso e parece que vivemos no mundo da lua. Uma eterna disposição para reformar - mas ninguém pensa em reformar a atitude reformista, algo como que uma erva daninha, que esconde ao brasileiro a dura realidade da situação em que nos encontramos. Enquanto se agitam as bandeiras de reestruturar, de reformar, etc., as consciências se acalmam e todos aguentam a rotina, com a anulação das vontades e do espírito crítico.

Enfim, quando você vier verá com os próprios olhos. Nada melhor do que estar longe para ver melhor e mais fundo. Estamos dentro do poço sem fazer nenhuma espiação intelectual e moral. Por conseguinte, não existem perspectivas rápidas e eficientes para coisa alguma. O Governo não é a pior coisa, visto deste ângulo. É o prêmio que merecemos e a cobertura do poço que ele próprio não criou.

Estão me chamando para o almoço. Desculpe-me parar assim, abuptamente; o essencial está dito. Espero ansiosamente que você resolva as dificuldades e que tudo possa correr normalmente. Abraços para você e para a Ruth, com muitas recomendações para o Paulo Henrique, a Luciana e a Bioca,

Florian Fernando

* Para nos falar da Eunice e do
João Batista, que marcaram
o que se deve evitar de um (em forma)
carcinoma e oportunismo. *Florian Fernando*